

MEDO E OUSADIA¹

Idanir Ecco.²

Josiele Sfredo³

É impossível ensinar sem ousar.

(Paulo Freire)

A obra que nos propomos a resenhar, de autoria de Paulo Freire e Ira Shor discute questões que seguidamente são colocadas por professores em relação à educação libertadora ou transformadora. Analisa elementos que se constituem em desafios concretos na perspectiva da recriação da escola, bem como de um projeto social amplo humanizador. As indagações centrais desta obra estão registradas no prefácio, de autoria dos mesmos autores: “O que é um ensino libertador? Como é que os professores se transformam em educadores libertadores? Como é que começam a transformar os estudantes? Quais os temores, os riscos e as recompensas da transformação? O que é ensino dialógico? [...]” (p.11). Em síntese propõe a dinamização da potencialidades dos diferentes sujeitos comprometidos com o processo pedagógico.

Paulo Freire, pedagogo, filósofo, escritor, “cidadão do mundo”, autor de várias publicações, de modo especial, o livro intitulado “Pedagogia do Oprimido”, que garantiu-lhe espaço nas análises e proposições no cenário nacional e internacional, no campo educacional, bem como uma valiosa contribuição pedagógica, pois o “impacto” de seu trabalho vai além da alfabetização e da educação de adultos, iluminando a necessidade de desenvolver uma “pedagogia ética” e “utópica” para a mudança social.

Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921, em Recife, Pernambuco. Alfabetizou-se em sua própria casa, partindo de suas próprias palavras, de sua prática, de sua experiência.

¹ Resenha da obra: FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, 224 p. Este trabalho fez parte das atividades pertinentes ao Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica, “O Conhecimento na pedagogia freireana como suporte teórico para a educação formal escolar” executado na URI – Campus de Erechim e pertencente ao Grupo de Pesquisa Ética e Educação. E está publicada na revista PERSPECTI. Erechim/RS: EdFAPES, V. 29, N° 107, setembro 2005, p. 169-171.

² Mestre em Educação UPF/RS e Professor da URI – Campus de Erechim.

³ Acadêmica do Curso de Pedagogia.

O ensino era sua paixão. Viveu intensamente a causa educativa. Morreu em 02 de maio de 1997, em São Paulo, esperançoso sobre as possibilidades de mudança, pois jamais admitiu o “determinismo histórico”, a “inexorabilidade do futuro”, compreendendo a existência humana na “luta para fazê-la melhor”. E a importância de sua obra está em conceber e defender a possibilidade de fazer educação e escola para a transformação social, a partir do estabelecimento de novas relações.

Ira Shor, educador norte-americano, estudioso e crítico dos rumos da reforma da educação em seu país. Sempre esteve engajado na luta pela melhoria das condições de ensino tanto das minorias marginalizadas quanto do conjunto da nova geração norte-americana.

O confronto dessas duas diferentes vivências, mediante um diálogo vibrante, envolvente e cativador, possibilita a troca de informações e a construção de opiniões, conceitos e análises que são fundamentais da pedagogia contemporânea, assim como, pertinentes ao “cotidiano do professor”.

A característica primordial desta obra está em se constituir em um livro falado. Freire (p.13) justifica: “[...] é que o diálogo é, em si, criativo e re-criativo”. E Shor (p. 13), por sua vez ratifica: “espero que encontremos um estilo dançante. Assim, seremos ao mesmo tempo poéticos, divertidos e profundos”.

O livro divide-se em sete partes, todas interligadas à temática central, ou seja, “medo” e “ousadia” pertencentes ao “cotidiano do professor”; possibilitando uma leitura agradável e envolvente, retomando/revivendo circunstâncias e experiências relacionadas às vivências dos dois educadores.

Cada um dos capítulos pode ser lido, analisado separadamente, pois enfatiza questões específicas. Assim como é mister destacar a expressividade das referências, indicadas como “bibliografia selecionada”, que nas palavras dos autores “apesar de ser bibliografia em língua inglesa, ela serve como subsídio para os educadores brasileiros” (p. 221).

Primeiramente, analisa as possibilidades e saberes para que um professor possa transformar-se em um educador libertador, destacando o modo pelo qual a educação relaciona-se com a mudança social. Na sequência do diálogo os autores pontuam os “temores” e os “riscos” da transformação. Para discutir a transformação do professor, acredita Freire (p. 67) “[...] que temos que examinar os temores que os professores têm de se transformar”, pois o medo pode “imobilizar”, “paralisar”. Salientam que o fundamental não é negar o medo, mas

cultivá-lo, pois “[...] o medo vem de seu sonho político, e negar o medo é negar o sonho” (p. 70).

A terceira parte discute a estrutura e o rigor na educação libertadora. Nas palavras de Shor (p. 98) “[...] a abordagem dialógica é muito séria, muito exigente, muito rigorosa, e implica numa busca permanente de rigor [...]”. Salienta a urgência em superar o ensino conteudista, verbalista, instrucionista e dissociado da realidade, isto é, mitificado, alienado e alienante. O diálogo que segue a esta parte, além de expressivo, elucida, definindo com muita relevância, em que consiste o “método dialógico de ensino”. Compreende Freire (p. 123) que “o diálogo sela o relacionamento entre os sujeitos cognitivos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade”.

Ira Shor inicia a quinta parte discutindo possibilidades (e nisso está a ousadia) de como situar um programa libertador na cultura norte-americana, pois a define como uma “cultura do silêncio”. No entendimento desse educador norte-americano a “[...] cultura do silêncio sugere uma tolerância passiva à dominação” (p. 149).

Nas duas últimas partes do “livro falado” a centralidade do diálogo são os educadores e os educandos, mais especificamente inquirindo sobre “como podem os educadores libertadores superar as diferenças de linguagens existentes entre eles e os alunos” (p.171) e indagando também se “temos o direito de mudar a consciência dos alunos?” (p.203). Em suma aborda os limites e os riscos da educação libertadora, conversando sobre como iniciar a transformação entre os alunos. Freire (p.203) enfatiza que “o educador libertador nunca pode manipular os alunos e tampouco abandoná-los à própria sorte. [...] assume um papel diretivo necessário para educar.” Atestam crença no poder conscientizador/transformador do ato educativo “desafiador”, “desocultador”, “dialógico”.

A “vivência democrática”, a relação “autoridade/liberdade”, “democratização da escola pública” e a “formação permanente” de educadores e educadoras é parte do desafio proposto para superar a educação, denominada por Freire, “bancária”, excludente.

A formação permanente científica e política é imprescindível, pois é preciso ter clareza da intencionalidade da prática pedagógica: clareza política.

O “diálogo” sela o “ato de aprender”, é uma “ferramenta” social e situação de ensino e aprendizagem. Magistralmente, toda a obra é uma prática dialogal. Revela-se como uma experiência de pedagogia da pergunta, desvelando ideologias no cotidiano, desabrochando verdades e saberes oprimidos.

O percurso da obra freireana representa uma busca para tornar mais clara a compreensão das conexões entre política e educação, sem dúvida, centro dos dilemas educacionais na atualidade.

A prática político-pedagógica dos educadores (as) ocorre, hoje, numa sociedade desafiada pela globalização, estimulando um raciocínio fatalista e denotando perversas consequências, “bombardeados”, que somos, pela “onda” neoliberal.

Em tempos de apregoação dos “fins”, “fim da história”, “fim das utopias”, das “meganarrativas” e com afirmações do tipo “não há o que fazer”, “é impossível inverter a lógica do mercado”, diga-se que privilegia uma parte da sociedade em detrimento doutra. Em tempos de individualismo ufânico e do niilismo patológico, do nada, do vazio, da “ausência” de valores e de sentido para a vida, discutir “Medo e Ousadia”, é muito mais que um alento à desesperança instalada no cotidiano. É afirmar a possibilidade concreta da construção histórica da sociedade. É compreender, na prática, a inexorabilidade do futuro, resgatando a condição ontológica do ser humano: ser de projeto, de futuro, de práxis. Enfim, é conceber a educação para além da reprodução/alienação.

O livro objeto desta resenha, é uma leitura indispensável para todos os educadores, pois, nas palavras de Ana Maria Saul, ao também prefaciар esta obra, (p.08), referindo-se a Paulo Freire, salienta que “[...] este trabalho poderá dirimir muitas das percepções equivocadas sobre o seu pensamento no que diz respeito às possibilidades da educação libertadora no contexto escolar”. Ademais, a obra é uma raridade para todos que acreditam no papel da educação e do educador na transformação da sociedade atual.